

IMAGINAR HISTÓRIAS NA CIDADE

Picturing stories in the city — Eduardo Brito*

* Coordenador do
projecto Reimaginar
Guimarães
Reimaginar
Guimarães Project
Coordinator

Era o Verão de 1981. Todas as noites, Miguel Frazão e Joaquim Fernandes encontravam-se invariavelmente à janela do número 1 da Rua dos Combatentes, ali atrás do Tribunal. Detinham-se à conversa com Amílcar José Lopes Ricardo. Falavam de fotografias.

Miguel Frazão, arquitecto, tinha 27 anos e acabara de chegar a Guimarães. Joaquim Fernandes, bibliotecário e fotógrafo, era já um nome incontornável na cultura da cidade. Ambos faziam parte da recém criada Muralha, Associação de Guimarães para a Defesa do Património. Amílcar Lopes (1912-1983), fotógrafo, dirigira a Foto Moderna desde meados da década de cinquenta de noventa até à sua reforma, por volta de 1977.

Na casa dos Combatentes, debaixo das escadas, havia cerca de duzentos negativos em placas de vidro com imagens de Guimarães e da sua região. Originais fotográficos, portanto. Uma grande parte dessas fotografias tinham sido tiradas pelo fotógrafo Domingos Alves Machado, a outra pelo seu genro, Amílcar Lopes, o homem que nesse mesmo Verão de 1981 e depois de inúmeras conversas com Miguel Frazão e Joaquim Fernandes vendeu à Associação Muralha cerca de duzentas imagens de Guimarães provenientes da sua Foto Moderna, ali à Alameda de S. Dâmaso. Poucos anos mais tarde, mas já na segunda metade da década de oitenta, por iniciativa de António Emílio de Abreu Ribeiro dá-se uma outra compra, desta feita a um antiquário da Rua de Santa Maria: coincidentemente, mais placas de vidro provenientes da Foto Moderna—e da sua antecessora, a Foto Eléctrica Moderna. São milhares de retratos de estúdio e imagens da cidade, até então arrumadas durante décadas num gavetão de um armário.

A Foto Moderna era uma casa com história. Nascera no ano de 1910, por obra de Domingos Alves Machado (1882-1957), com o nome de Foto Eléctrica Moderna e estúdio ao número 141 da Avenida do Comércio (actual Avenida Afonso Henriques). Quem por lá hoje passa e olha para cima consegue avistar,

It was the summer of 1981. Every evening, Miguel Frazão and Joaquim Fernandes would invariably meet under the window of no. 1 Combatentes Street, behind the Courthouse.

Frazão was a 21 year-old architect who had just arrived in Guimarães, while Fernandes was already a well-known librarian and photographer in the city. Both were members of the recently formed *Muralha* (or Wall), the Guimarães Heritage Association. Amílcar Lopes, a photographer, had managed *Foto Moderna* from the late 1930s until his retirement in 1977.

Under the staircase at the Combatentes Centre, there were almost two hundred glass plates with images of Guimarães and its surroundings imprinted on them. They were original plates, no less. And the conversations during that Summer of 1981 were about these photographs: the majority of them had been taken by the photographer Domingos Alves Machado; the rest by his son-in-law, the aforementioned Amílcar Lopes, who in that same year, sold about two hundred images of Guimarães from his *Foto Moderna* shop in S. Dâmaso Alley, to the *Muralha* Association. A few years later the *Muralha* made a second purchase,

this time from an antique shop. It comprised many thousands of original photographs from *Foto Moderna*—and from its predecessor, *Foto Eléctrica Moderna*—both studio portraits and city images on glass plates and film, which only escaped oblivion as a result of the Association's action.

Foto Moderna was a renowned store, established in 1910 by Domingos Alves Machado (1882-1957) and originally known as *Foto Eléctrica Moderna*. It was based at 141 Comércio Avenue (currently Afonso Henriques Avenue) and if you walk by today and take a look up,

por entre o arvoredos, o busto de Nicéphore Niépce, um dos inventores da fotografia. Entre finais da década de quarenta e inícios dos anos cinquenta, a Foto Moderna muda-se para a desaparecida Rua de S. Dâmaso, instalando-se junto à igreja homónima. Por lá permanece até à demolição daquele quarteirão, em 1958, passando depois para o número 1 do Largo 28 de Maio (actual Alameda de S. Dâmaso), no primeiro andar do edifício contíguo à Torre da Alfândega. Como Foto Moderna, permanece aberta até 1987, altura em que, por mudança de dono, passa a denominar-se Foto Machado.

Domingos Alves Machado—o Fotógrafo Machado, como era conhecido—fotografou durante mais de trinta anos. Devem-se-lhe milhares de retratos de estúdio e inúmeras imagens de exterior. Terá parado de fotografar nos inícios da década de 1940, abalado profundamente pela morte do seu único filho rapaz. É por essa altura que a casa de fotografia passa para as mãos do seu genro, Amílcar Lopes. Quando chegou a Guimarães em 1924, Amílcar Lopes tinha doze anos. Vinha para ajudar o Senhor Machado na casa de fotografia, recomendado por um correeiro, que o conheceu em Murça, onde nascera e vivera até então. É que Amílcar herdara do seu pai—que trabalhava num Boticário—o jeito e o rigor necessários para a mistura de químicos. Instala-se em casa do seu patrão e apaixona-se por uma das filhas deste, Armandina, com quem casa em 1942. Gradualmente, vai deixando de trabalhar apenas no laboratório, passando a assistir e a ajudar o Senhor Machado nas suas saídas fotográficas à cidade, ocupando-lhe naturalmente o lugar quando este deixa o ofício. Amílcar Lopes torna-se então o Amílcar Fotógrafo, retratista de estúdio, repórter da cidade, dos seus espaços e ofícios, inseparável de Mário Cardozo no registo da vida da Sociedade Martins Sarmiento. Mantém-se activo até ao final dos anos setenta, altura em que passa o negócio ao seu filho João Ricardo Machado Lopes, que dele se desfaz em 1987.

Assim se apresenta, de forma breve, a possível história das fotografias da Coleção de Fotografia da Muralha: um conjunto de milhares de imagens de Guimarães e da sua vida, de cidades e lugares vizinhos, de retratos de estúdio, de fotografias para edições. Um conjunto de originais fotográficos da Foto Eléctrica Moderna

you can still see the bust of Nicéphore Niépce, one of the inventors of photography. In the late 1940s, *Foto Moderna* moved to the now non-existent S. Dâmaso Street, where the shop remained until the demolition of the entire neighbourhood in 1958. It then transferred to 1, 28th of May Square (currently S. Dâmaso Alley), on the first floor of the building next to the ruins of the Torre da Alfândega (Customs Tower).

Domingos Alves Machado—or Machado the Photographer, as he was known—took pictures in both the studio and outdoors for almost forty years. He only stopped photographing in about 1940, devastated by the death of his only son. It was around then that the store, its name now shortened to *Foto Moderna*, was passed on to his son-in-law, Amílcar Lopes.

Amílcar Lopes arrived in Guimarães in 1924, when he was twelve. A leather craftsman who knew him in Murça, where Lopes was born and had lived until then, sent him to help Mr. Machado at the photography shop. The reason being that Amílcar had inherited from his father—a pharmacist—the aptitude and discipline to mix powders and liquids perfectly. Amílcar lodged at his boss's house and fell in love with one

of his daughters, Armandina, who he married in 1942. Over time he stopped working at the laboratory and instead started to accompany and assist Mr. Machado on his photographic trips to the city, subsequently taking the latter's place when he retired. Amílcar Lopes then became Amílcar the Photographer - the studio portrait artist and city reporter responsible for capturing its spaces, places and daily business. He became an inseparable companion of Mário Cardozo on their journeys to the *Citânia de Briteiros* settlement and on the Martins Sarmiento Society life register. Amílcar remained active until the late 1970s, when he handed the business over to his son João Ricardo Machado Lopes, who sold it in 1987.

And so we present a possible history of the images belonging to the *Muralha* Photography Collection: a collection of thousands of images showing Guimarães and its life, and that of nearby cities and places alongside studio portraits and pictures for publications. It comprises a set of original photographs from *Foto Eléctrica Moderna* and *Foto Moderna*, which is assembled in the hazards of rearrangements and which stands out as one of the most consistent pho-

e da Foto Moderna, que se juntam no acaso de arrumações e que se assumem como um dos mais consistentes acervos fotográficos da cidade de Guimarães. A autoria destas imagens é imprecisa mas provável: Domingos Alves Machado, entre os inícios da década de dez e os finais da década de trinta do século xx e Amílcar Lopes, daí até ao final dos anos sessenta. E também alguém que os antecede, de identidade ainda incerta, autor das imagens mais antigas deste acervo, datadas possivelmente de inícios da década de noventa do século xix. Apesar de anteriores à criação da Foto Eléctrica Moderna, estas escassas *primeiras* imagens da Colecção de Fotografia da Muralha *aparecem* como parte integrante do espólio daquele estúdio fotográfico. Porém, não é ainda possível, com a devida margem de segurança, afirmar-se a sua provável autoria.

Esquecidas que estiveram durante mais de meio século, as imagens que compõem este acervo chegaram às mãos da Muralha num precário estado de limpeza e de conservação, sem qualquer tipo de descrição e organização lógica ou temática. Apenas uma ou outra sequência escapou a uma separação e desordenação quase natural. Durante quase vinte anos, a Colecção de Fotografia da Muralha ocupou o sótão da Associação dos Reformados, à Rua de Santo António, em condições ambientais e de acomodação profundamente adversas. A partir do ano 2000, mudou-se para a Biblioteca Raul Brandão. Sempre sem nenhuma intervenção de conservação ou de catalogação, sujeita frequentemente a consultas e pesquisas que a fragilizaram e desalinham ainda mais. Desde 2009 que a Colecção se encontra depositada no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, em sala com controlo de temperatura e humidade. Nessa data, uma primeira descrição e sistematização foi levada a cabo por Fernando Conceição, então presidente da Muralha. As fotografias desta Colecção têm um interessante histórico de publicações e exposições: a título de exemplo, constituem parte importante do incontornável Guimarães, do Passado e do Presente (Ed. Câmara Municipal de Guimarães, 1985) e foram apresentadas em diversas mostras—a mais recente em 2009, denominada *Guimarães a Preto e Branco*.

tography collections of Guimarães. The authorial origin of these images is unclear. But they are probably attributable to Domingos Alves Machado, between the late 19th century and the late 1930s, and Amílcar Lopes, from then until the late 1960s; and also it seems, to a photographer who preceded them both, but whose identity is still unknown: the author of the oldest images in the collection, which possibly date back to the early 1980s. Besides being taken prior to the foundation of *Foto Eléctrica Moderna* these few first images of the Muralha Photography Collection form a significant part of that photographic studio's assets. However, it is still not possible to credit them to any particular photographer.

Forgotten for more than half a century, the images that comprise this collection arrived in *Muralha's* possession in poor condition and without any kind of description or logical and thematic organisation. In fact, only one or two sequences managed to escape the resulting disarray. For almost twenty years, the Muralha Photography Collection resided in the attic of the Retired Peoples Association on Santo An-

tonio Street in seriously unfavourable environmental conditions. Then in 2000, it was moved to the Raul Brandão Library—again without any efforts to catalogue or conserve the collection. It was also subject to regular handling by researchers, which only served to further weaken and disorganise it. Only since 2009 has the collection been stored in a room with controlled temperature and humidity at the Alfredo Pimenta City Archive. Also a first attempt at description and systematisation was carried out by Fernando Conceição, who was the chairman of *Muralha* at that time. The photographs in the collection have an interesting history of both publication and exhibition. For example, they are an important part of the book *Guimarães, do Passado e do Presente* (Ed. Câmara Municipal de Guimarães, 1985). Likewise, they have appeared in several exhibitions—the most recent being *Guimarães in Black and White* in 2009.

A Coleção de Fotografia da Muralha conhece hoje um esforço de conservação, de arquivo e de partilha—são estas as principais linhas do programa *Reimaginar Guimarães*, da Área de Cinema da Guimarães 2012, Capital Europeia da Cultura: conservar pela limpeza de cada negativo, pela sua digitalização em alta resolução e pelo reacondicionamento destas imagens, transformando-as num Arquivo através da sua descrição detalhada, da sua datação o mais rigorosa possível e organização temática, acessível ao mundo inteiro pela sua publicação online enquanto arquivo digital em www.reimaginar.org, partilhado entre todos não só deste modo, mas também através de exposições e edições.

A Cidade da Muralha é o primeiro passo deste processo, a primeira relação de possibilidades infinitas que os Arquivos sempre oferecem. A exposição apresenta uma selecção de fotografias de espaço público ou semi-público de Guimarães que a Coleção de Fotografia da Muralha contém. As imagens apresentam-se sem tratamento intenso, não se lhes escondendo o dano, o desgaste, a erosão e o trabalho posterior—reenquadramentos e correcções—feito no laboratório do fotógrafo: estas fotografias aparecem não só como produtos do seu tempo fotográfico, mas sobretudo do seu *tempo de esquecimento e tempo de espera*.

Desta leitura do Arquivo—a tal *relação de possibilidades infinitas*—propõe-se uma deriva por esta *cidade exterior* em cinco segmentos: começa-se por uma Guimarães que não se vê mais; passa-se pela cidade feita de pessoas nas suas festas, ofícios e cultos; entra-se no lugar imaginário das narrativas possíveis; constata-se o tempo a passar no regresso dos fotógrafos aos lugares já fotografados e sai-se de cena com a cidade a refazer-se, a ganhar uma forma que ainda hoje é palpável. É desta forma que *A Cidade da Muralha* tenta ser um lugar imaginário. Mais narrativo que histórico. Mais relacional que cronológico. Esta é a proposta, hoje: olhar para a cidade de Guimarães fotografada ao longo de seis décadas e ler todas e cada uma das histórias que cabem dentro destas imagens. Reimaginar a cidade, portanto.

Today, the Muralha Photography Collection is the subject of a concerted effort to preserve, archive and share it. These are certainly the main objectives of the project *Reimagining Guimarães*, developed by the Cinema Department of Guimarães, European Capital of Culture 2012. The aim being to preserve the collection by cleaning each negative, scanning in high resolution and rearranging them into an organised digital archive with detailed descriptions, accurate dating and thematic divisions. It will then become accessible to the whole world via the internet (at www.reimaginar.org) and also through exhibitions and publications.

The Wall City (*A Cidade da Muralha*) is the first step in this process. The first example of the endless possibilities that archives always offer us. The exhibition presents a selection of photographs of the public or semi-public spaces in Guimarães contained in the *Muralha* Photography Collection. The images are presented without any extensive treatment and with no attempt to hide damage, dirt, erosion or any post-production processes such as reframing and corrections made in the laboratory. These photographs stand out, not only as products of their own partic-

ular photographic time, but above all as products of their oblivion time and their waiting time.

From this study of the archive—the aforementioned inventory of endless possibilities—a proposal was made to show the external face of Guimarães in five sections: it starts with the city that can no longer be seen; moves on from there to the city created by the people for their festivals, work and worship; then to an imaginary place of possible stories and narratives; next we see the passing of time via the photographers' return to places they have shot previously; and finally we leave with the city being rebuilt and taking a shape which is still familiar today. It is in this way that the *Cidade da Muralha* tries to turn Guimarães into a place in our imaginations. More narrative than history-based and more connected than chronological. This is the proposal today: to look at the city of Guimarães photographed over six decades and to discover all the stories taking place in the images. To re-imagine the city, no less.